

**A APROPRIAÇÃO DE ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS: A
PUBLICIDADE DA ARQUITETURA URBANA DE SÃO
PAULO E SEU USO DO SOLARPUNK COMO ARGUMENTO
DE COMUNICAÇÃO.**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Gabriel Gomes Valadares

José Maurício Conrado Moreira da Silva

Universidade Presbiteriana Mackenzie - Campus Higienópolis

Centro de Comunicação e Letras

10403367@mackenzista.com.br
1128643@mackenzie.br

São Paulo
2025

RESUMO

Esta iniciação científica investiga a apropriação de subculturas na arquitetura, tomando o solarpunk como eixo para compreender como a comunicação de empreendimentos residenciais em São Paulo mobiliza seus códigos estéticos e discursivos. O objetivo é identificar em que medida tais referências promovem apenas um imaginário verde de consumo ou sinalizam práticas urbanísticas sustentáveis. Adotou-se revisão bibliográfica sobre estética e solarpunk, mapeamento histórico de matrizes (Cidade-Jardim, art nouveau, vanguardas) e análise de conteúdo/visual de panfletos impressos de três empreendimentos coletados no espaço urbano paulistano (2025). A análise considerou paleta cromática, composição, tipografia, léxico publicitário e presença de elementos biofílicos e/ou infraestruturas ecológicas. Os materiais convergem para uma integração visual com a natureza (verde, madeira, luz natural) e para o reforço de valores de status e exclusividade; empregam a retórica do “preparado para o futuro”, porém sem evidências de soluções socioambientais concretas (energia renovável, gestão hídrica, hortas, circularidade). Conclui-se que predomina um “solarpunk de vitrine”, no qual a estética opera como mediadora afetiva de venda, dissociada de compromissos urbanísticos e comunitários. O estudo contribui ao explicitar o descompasso entre imagética utópica e práticas do mercado imobiliário e sugere ampliar o corpus para mídias digitais e verificar casos com métricas ambientais verificáveis.

Palavras-chave: solarpunk; estética; arquitetura; comunicação; publicidade imobiliária; São Paulo.

ABSTRACT

This scientific initiation project investigates how contemporary urban architecture in São Paulo appropriates the Solarpunk subculture as a communication strategy within real-estate marketing. Grounded in philosophical aesthetics (e.g., Baumgarten and reception aesthetics) and Solarpunk literature, the study employs a qualitative visual analysis of printed promotional brochures distributed in São Paulo during the research period. The analysis considers composition, color palettes, treatment of natural light, the representation of green areas, and textual cues of exclusivity, community, and “future-ready” living. Results indicate recurrent biophilic codes—integrated vegetation, panoramic views, neutral and earthy palettes, and abundant natural lighting—mobilized alongside high-tech imagery and status-oriented language. References to sustainability are predominantly symbolic: nature is

framed as an aesthetic backdrop rather than ecological infrastructure (e.g., renewable energy, circular resource systems). This produces a “showcase Solarpunk,” an aspirational veneer that borrows Solarpunk motifs to enhance brand distinction without commensurate environmental commitments. We conclude that the appropriation of subcultural aesthetics functions mainly as a persuasive device in São Paulo’s real-estate discourse. Future work should expand the corpus to digital campaigns and other sectors to test whether similar appropriations persist and to map cases that translate imagery into demonstrable socio-environmental practices.

Keywords: Solarpunk; visual communication; architecture; São Paulo; real-estate advertising.

1. O FUTURO NÃO EXISTE SEM O PRESENTE

Na história, o homem sempre criou acontecimentos e elementos que transformaram o mundo que conhecemos. Algo sempre presente nesse quesito é a constante mudança, seja tecnológica, social, estética, etc. Neste processo é comum observarmos algo que surge para ser uma antítese a uma ideia, a um sistema, sempre trazendo uma revolução em algum aspecto, buscando aperfeiçoar e desafiar sistemas que existem, promovendo novas formas de pensar, de se expressar e de comunicar. Neste sentido, há diferentes percepções e construções estéticas ao longo do tempo que acabam criando ricas oposições e refletindo os valores de sua época.

Nosso ponto de partida é claro. Este é o fim de um mundo, e se quisermos nos elevar à altura do desastre, para realmente confrontar a devastação em curso, cabe a nós, em todos os lugares, construir os novos mundos que substituirão este. Não mundos como os antigos, não mundos como este, mas — começando de onde estamos, usando todos os meios disponíveis — mundos novos e sensatos que assumirão suas próprias formas particulares. Aceitamos um estado de isolamento e dependência frenéticos porque parece inevitável. Não é. Às vezes, a magnitude da devastação que enfrentamos parece intransponível. Não é. (Comitê Invisível, 2007, p. 7).

Hoje, sejam filmes, séries, livros e entre diversas outras mídias, nos trazem a reflexão de “Será que vivemos em uma distopia? Afinal, o mundo distópico que estou vendo nessa história é só um reflexo do que eu vivo.” Esse fato é difícil de ignorar, sejam pelas constantes notícias sobre problemas ambientais como a poluição, a presença de ilhas de plástico do tamanho de países, a desigualdade e problemas sociais, a instabilidade econômica, etc., são fatores que compõem um cenário de “fim do mundo”, que sempre parece próximo e presente ao longo da história, criando uma ansiedade sempre presente, com cada época tendo o seu “fim de mundo”, seja com o bug do milênio, o surgimento das bombas nucleares, o fim do mundo de 2012, a peste negra, etc., sendo que todos eles não surgiram do nada, todos frutos de decisões históricas e negligências do passado.

Obras como *Black Mirror*¹, *Mad Max*², *2012*³, *Idiotocracia*⁴ e *Blade Runner*⁵ são exemplos de narrativas que exploram diferentes futuros possíveis, frequentemente projetando cenários distópicos. Essas histórias nos confrontam com os perigos de escolhas e comportamentos que ameaçam nossa sobrevivência neste planeta azul que vivemos.

¹ Criada por Charlie Brooker e lançada em 2011, é uma série antológica de ficção científica que examina os impactos da tecnologia na sociedade contemporânea e futura com cada episódio apresentando histórias independentes, geralmente distópicas.

² *Mad Max*, com o primeiro filme sendo lançado em 1979, e o *Mad Max: Estrada da Fúria* sendo feito em 2015, ambos mostram um mundo devastado pelo colapso social e ambiental, enquanto explora temas de sobrevivência, opressão e liberdade

³ 2012 foi dirigido por Roland Emmerich e lançado em 2009, com o filme retratando o colapso global previsto pelo calendário maia, mostrando uma série de catástrofes naturais catastróficas em meio à luta da humanidade pela sobrevivência.

⁴ Lançado em 2006 e dirigido por Mike Judge, o filme conta a história de um homem que, depois de hibernar por acidente, ele acorda em 2505 em um mundo onde a humanidade se torna estúpida e hiperconsumista.

⁵ *Blade Runner* (1982), dirigido por Ridley Scott, é um filme de ficção científica e neo-noir ambientado em uma Los Angeles distópica de 2019.

Em *Black Mirror*, por exemplo, a tecnologia – uma ferramenta projetada para melhorar nossas vidas – frequentemente se torna uma força opressora, criadora de alienação, controle e de pesadelos na vida dos personagens, com cada episódio revelando como os avanços tecnológicos podem esbarrar em questões como hipervigilância, desigualdade social e a desconexão humana, caso sejam implementados sem ética ou regulação, revelando como o progresso tecnológico pode se tornar um retrocesso moral.

Por outro lado, *Mad Max* apresenta um futuro pós-apocalíptico em que a escassez de recursos, especialmente água e combustíveis fósseis, leva a uma sociedade caótica e brutal, mostrando a exploração desenfreada do planeta. Essa visão distópica ressoa com nossos medos relacionados à crise climática e à degradação ambiental, mostrando como a destruição de ecossistemas pode desencadear diversos eventos que nos fazem questionar as bases do que é uma civilização. Elas funcionam como advertências, nos obrigando a encarar as possíveis consequências de nossas ações ou da nossa resistência frente às mudanças.



(Poster do filme do *Mad Max: Estrada da Fúria*)

Além de criticar, a ficção também estuda o mundo, ainda que de forma indireta. Ela analisa as "leis" que governam nossas sociedades e o mundo – desde as relações de poder e de controlar situações, até as normas de uma cultura – e nos mostra como esses sistemas podem ser tanto motores de progresso quanto armadilhas para a humanidade, como muito é evidenciado nas obras e críticas feitas ao Isaac Asimov, quando ele criou as leis da robótica.

Se a ficção é capaz de nos alertar sobre as consequências de nossas escolhas, ela também pode nos ajudar a imaginar alternativas de mundo que podemos caminhar em poucos séculos, nos permitindo sonhar com o impossível e, ao fazê-lo, nos inspira a buscar o possível e o impossível.

Mas como seria um futuro melhor? Seria um onde a energia limpa alimenta as cidades repletas de biodiversidade, onde comunidades colaborassem em vez de competir, e onde o bem-estar fosse priorizado acima do lucro? Essas perguntas nos levam ao *Solarpunk* – um movimento, uma subcultura, um modo de vida que rejeita as visões apocalípticas e nos convida a imaginar e construir um futuro onde humanidade e natureza coexistem de forma harmônica e prática.

Vários trabalhos, mundo afora, foram feitos pesquisando sobre essa estética, como o “*Appositions: The Future in Solarpunk and Post-Apocalyptic Fiction*”, de Katarzyna Więckowska, o “*‘Solarpunk’ & the Pedagogical Value of Utopia*”, de Isaijah Johnson, o “*A Solarpunk Manifesto: Turning Imaginary into Reality*”, de William Joseph Gillam, o “*Solarpunk: Designing a better tomorrow?*”, de Juliette MacDonald.

Em português, alguns foram feitos explorando o solarpunk, como o “Cidade e Natureza: SP solarpunk, limiares entre distopia, utopia e onde estamos”, de L. S. C. Rebecca e D. Gallo, “SOLARPUNK 2030: Tecnologia, justiça social e ação comunitária rumo a um futuro sustentável” de Ana Paula Vieceli, “O Anti-Futurismo Solarpunk : Desenvolvimento de uma Estética Figurativa e Narrativa”, Matos Fortuna, João Ricardo Santos, “Muito além do cyberpunk: Reflexões sobre a ficção retrofuturista”, de Alexander Meireles da Silva.

2. A FILOSOFIA DA ESTÉTICA

Antes de entrarmos no ponto principal dessa Iniciação Científica, é importante elaborarmos com o que o solarpunk se relaciona e com que ferramenta teórica usaremos para analisá-lo, que nesse caso, seria a linha teórica filosófica da estética.

Ultimamente, nas redes sociais, muito se tem usado esse termo, “Estética” para falar de coisas bonitas no modo geral, assim como um design de interiores, ou uma arte moderna, a algo no mundo da moda e etc., mas esse termo é muito mais do que aparenta num primeiro momento.

O filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) foi o responsável por cunhar o termo “Estética” em sua obra “*Meditações Filosóficas Sobre Alguns Tópicos Referentes À Essência do Poema*”, publicada em 1735. Baumgarten argumentava que, assim como a Lógica se ocupa do conhecimento intelectual, a Estética se dedica ao estudo do conhecimento sensível, ou seja, das sensações e percepções estéticas. Para Baumgarten, a Estética seria uma espécie de “lógica da sensibilidade”, buscando compreender a racionalidade presente na experiência estética. Para Baumgarten, a Estética, “a ciência do conhecimento sensível”, tem como objetivo a perfeição do conhecimento sensitivo, que se manifesta na beleza. Ele acreditava que a experiência estética, embora ligada aos sentidos, também envolvia uma forma de racionalidade, uma capacidade de discernir e apreciar a ordem e a harmonia presentes no belo.

Para Baumgarten, assim como a Lógica busca o conhecimento de forma clara e distinta, a Estética procura compreender o belo artístico de forma racional e sistemática. No entanto, essa busca por ferramentas universais para compreender os fenômenos estéticos enfrenta o desafio da influência cultural no gosto individual. Diferentes pessoas podem ter diferentes experiências estéticas diante da mesma obra de arte, e essas experiências são moldadas por suas vivências, conhecimentos, valores, percepções, sentimentos, e o ambiente cultural em que o indivíduo está inserido, influenciando sua apreciação do belo. Como por exemplo, a música clássica ocidental pode ser apreciada de forma diferente por alguém que cresceu ouvindo apenas um determinado outro gênero musical, tal como funk, e isso também

se aplica no reverso, com o “funkeiro” experimentar de forma diferente a música clássica de alguém que cresceu ouvindo essa última.

A Estética, nesse sentido, busca fornecer critérios conceituais para analisar o gosto e as obras de arte, permitindo distinguir uma bela pintura de uma pintura considerada não bela. Essa distinção não se baseia apenas em preferências pessoais, mas em uma análise crítica dos elementos que compõem a obra, como a composição, a técnica, a expressividade e a capacidade de evocar emoções e ideias.

Enquanto a Poética, para Aristóteles, era o estudo do fazer artístico, a Estética, para Baumgarten, uniu arte e beleza em um mesmo campo de análise. Aristóteles, em sua "Poética", analisou os diferentes gêneros artísticos, como a tragédia e a comédia, buscando compreender os princípios que regem sua construção e seus efeitos sobre o público. Para Aristóteles, a arte não era apenas uma imitação da realidade, mas também uma forma de conhecimento e de catarse, de purificação das emoções. A tragédia, por exemplo, ao representar o sofrimento humano, poderia despertar no público sentimentos e um maior entendimento da condição humana. Para os gregos, a relação entre arte, beleza, verdade e ética era fundamental, e a arte desempenhava um papel importante na formação dos cidadãos e na busca pelo conhecimento. Acreditavam que a arte poderia educar, inspirar e elevar o espírito humano, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e harmoniosa.

No século XX, as vanguardas artísticas romperam com os conceitos tradicionais de beleza, questionando os limites da arte e expandindo as possibilidades dessa expressão estética. O Surrealismo explorou o mundo do inconsciente e dos sonhos, criando obras que combinavam elementos inesperados e irracionais. A Arte Abstrata rompeu com a representação figurativa, buscando expressar emoções e ideias através de formas, cores e linhas.

A Estética da recepção surge, enfatizando a importância do espectador na construção do significado da obra de arte. Hans Robert Jauss (1921-1997), um dos principais teóricos dessa corrente, argumentava que a obra de arte só se completa no momento em que é recebida e interpretada pelo público. A experiência estética não é apenas uma contemplação passiva da beleza, mas um diálogo ativo entre o espectador e a obra, em que cada um contribui com sua própria bagagem cultural e suas próprias experiências.

A cultura de massa também se tornou objeto de estudo da Estética, que passa a analisar as novas formas de arte e entretenimento que surgem na sociedade contemporânea. A Estética contemporânea busca compreender como essas novas formas de arte (videogame, TV, redes sociais) afetam nossa percepção, nossas emoções e nossa relação com o mundo. Seja bem, quando sonhamos, os sonhos funcionam numa lógica de filme, com cortes de cenários e situações, pessoas que conhecemos como personagens de histórias malucas, com acontecimentos malucos e etc., mas como as pessoas sonhavam antes dos filmes?

Uma das questões centrais da Estética é a natureza da experiência estética. A apreciação estética envolve tanto aspectos subjetivos, como as emoções e sentimentos do

indivíduo, quanto aspectos objetivos, como as características formais da obra de arte. O debate entre subjetivismo e objetivismo na Estética busca compreender como esses dois aspectos se relacionam na experiência estética. Uma terceira posição, o intersubjetivismo, busca conciliar esses dois pontos de vista, argumentando que a experiência estética é tanto subjetiva quanto intersubjetiva. A beleza não está apenas no objeto nem apenas no sujeito, mas na relação entre eles. A apreciação estética é influenciada tanto pelas qualidades da obra quanto pelas experiências, conhecimentos e valores do observador, mas também é moldada pelo contexto social e cultural em que a obra é construída.

O conceito de beleza, além da arte, também é fundamental para a Estética. Ao longo da história da Filosofia, a beleza foi concebida de diferentes maneiras, desde a ideia de proporção e harmonia, sendo o belo algo objetivo para os gregos até as concepções românticas e modernas que valorizam a originalidade e a expressividade, como apresentadas antes. No Romantismo, a beleza passou a ser associada à emoção, à paixão e à individualidade, com o belo não era mais visto como algo objetivo e racional, mas como algo subjetivo e irracional, ligado aos sentimentos e à imaginação do artista. A originalidade e a expressividade tornaram-se valores estéticos importantes, e a arte passou a ser valorizada por sua capacidade de evocar emoções intensas e de transmitir a visão única do artista.

Na modernidade, o conceito de beleza se diversifica ainda mais, abrangendo uma ampla gama de qualidades estéticas. Além da harmonia e da proporção do Neoclassicismo, que continuam sendo valorizadas em algumas formas de arte, a beleza pode ser encontrada na sua complexidade, na ambiguidade, na estranheza, na feiúra, na desordem, no caos, na imperfeição, na transgressão, no ritmo, na textura, na cor, entre outras qualidades. A arte contemporânea muitas vezes desafia as noções tradicionais de beleza, buscando novas formas de expressão e explorando temas que antes eram considerados tabus ou inadequados para a representação artística.

A Estética também se preocupa em estabelecer critérios para avaliar o valor estético de uma obra de arte. Esses critérios podem ser objetivos, como a técnica, a forma e a composição da obra, ou subjetivos, como o gosto e a preferência pessoal do apreciador. A influência do contexto histórico e cultural nos critérios de valor também é um aspecto importante a ser considerado na análise.

Os critérios objetivos de valor estético são aqueles que se baseiam em qualidades intrínsecas à obra de arte, que podem ser identificadas e analisadas de forma mais ou menos objetiva. A técnica do artista pode ser avaliada em termos de habilidade, precisão, domínio dos materiais e das ferramentas, e capacidade de realizar a visão artística. A forma da obra na sua organização, sua composição e sua relação com o espaço, (harmonia, equilíbrio, proporção, ritmo e unidade). A composição, que se refere à forma como os diferentes elementos da obra estão organizados, como clareza, coerência, complexidade, originalidade e expressividade.

Os critérios subjetivos de valor estético, por outro lado, são aqueles que se baseiam nas emoções, nos sentimentos, nas experiências e nas preferências do apreciador. O gosto pessoal, por exemplo, é um critério subjetivo que varia de pessoa para pessoa e que é

influenciado por fatores como a educação, a cultura, a personalidade e as experiências de vida. A apreciação de uma obra de arte também pode ser influenciada pelas emoções que ela evoca, como alegria, tristeza, raiva, medo, amor, ódio, admiração, repulsa, entre outras.

O contexto histórico e cultural em que a obra de arte é criada e apreciada também desempenha um papel importante na avaliação de seu valor estético. Toda estética e pensamento tem reflexo nas ideias e anseios de sua época, mas os critérios de valor estético podem variar ao longo do tempo, de uma cultura para outra, refletindo as mudanças nas concepções de beleza, arte e sociedade. Uma obra de arte que é considerada bela em uma época pode ser vista como feia ou irrelevante em outra, e o que é valorizado em uma cultura pode ser desprezado em outra.

3. O SOLARPUNK COMO UTOPIA TRANSFORMADORA

Enquanto o cyberpunk, outro gênero da ficção científica que está ganhando mais histórias com suas temáticas e estéticas, nos alerta sobre os perigos de um futuro dominado por corporações, desigualdade e tecnologia opressiva, o Solarpunk pergunta: e se fizermos diferente? Ele imagina um futuro onde a energia é limpa, os recursos são compartilhados e a tecnologia é utilizada para regenerar pessoas, ambientes, sociedades, e não explorá-los.

Diante de um mundo marcado pela desesperança, o Solarpunk surge como uma alternativa radical, visionária e contra-cultural, trazendo a rebeldia, o punk (no sentido de indignação) e uma ação por mudança sobre um problema. Mais do que um gênero literário ou estético, ele é um movimento cultural, político e um tanto quanto filosófico, que propõe uma convivência harmoniosa entre tecnologia, natureza e humanidade. Ele oferece não apenas a crítica sobre o mundo que vivemos, mas a solução para o mesmo. A verdadeira força do Solarpunk está na união das ideias de utopia e pragmatismo, nos desafiando a agir no presente para moldar o futuro, entendendo que o mundo que desejamos começa agora, com escolhas cotidianas e coletivas.

O “Solar”, como se é de imaginar, é tanto literal quanto metafórico. Literalmente, ele nos traz a questão de energia solar e outras formas de energia renováveis, mas, de forma metafórica, é sobre uma luz, quente, otimista e alegre, cheia de energia da vida, assim como o sol, sendo uma antítese a uma era de “escuridão” trazida pela poluição no mundo e a degradação da natureza e do ser humano.

O solarpunk, assim como outros movimentos ao longo da história, tem um manifesto, no qual explicita a sua filosofia.

Somos solarpunks porque o otimismo foi tirado de nós e estamos tentando pegar de volta; Somos solarpunks porque as únicas opções restantes são negação ou desespero; (...) O Solarpunk adota uma diversas táticas: não existe uma maneira única de fazer o solarpunk. Em vez disso, diversas comunidades de todo o mundo adotam o nome e as idéias e constroem pequenos ninhos de revolução auto-sustentável; (...) Não é um futuro alternativo, mas um futuro possível; (...) Aprendemos a usar a ciência com sabedoria, para melhorar nossas condições de vida como parte de nosso planeta. Não somos mais senhores. Nós somos cuidadores. Somos jardineiros. (*MANIFESTO SOLARPUNK* [s.d.]).

Dos princípios norteadores do movimento, podemos dizer, de forma sintética, que é uma propaganda de margarina, além de trazerem bastante temas atuais que podemos ver serem debatidos na sociedade. Os valores dessa sub-cultura são a sustentabilidade ambiental (projetando sistemas econômicos, sociais e tecnológicos que respeitem e regeneram os ciclos naturais, usando de energia limpa, reaproveitamento de recursos e arquitetura adaptada aos limites naturais), a justiça social (promovendo igualdade, diversidade e inclusão em todas as esferas da vida, rejeitando hierarquias opressivas e desigualdades extremas), a sua estética funcional (integrando beleza e funcionalidade, criando espaços que inspiram e servem às pessoas transformando o presente com ações concretas), sua integração sócio-cultural (abraçando todas as culturas, religiões, gêneros e identidades, com compaixão e aceitação expansivas, como o calor e vivacidade do sol) e a ação comunitária (valorizando iniciativas locais que reforcem o senso de pertencimento e a autonomia coletiva com redes autossuficientes, criatividade coletiva e a cidades inteligente).

Apesar disso, é necessário entender o Solarpunk, não só em sua essência como apresentado, mas sua origem, as inspirações, eventos e coisas que mais tarde viria a constituir o que é o Solarpunk.

Ao falar da história do solarpunk, é interessante ver que, a sua ideia, o seu princípio, é anterior ao surgimento do termo. Na época vitoriana, Ebenezer Howard, um urbanista do Reino Unido, em 1898, idealizou e escreveu um livro, chamado de “*Garden-cities of To-morrow*”, onde descrevia sobre um modelo de cidades, o modelo da “Cidade-Jardim” como mais tarde viria se ser conhecida. Sua ideia buscava resolver os problemas que se tinham em Londres em plena época da revolução industrial, buscando uma síntese, uma harmonia, das qualidades de se viver no campo e nas cidades. As cidades eram um espaço social, cooperativo e de oportunidades de emprego, mas com diversos problemas, como a questão populacional, a insalubridade, a poluição, etc. Em contraste, o campo vive em harmonia com a natureza, com a vivência diária com o natural, com a luz solar, rios e belas paisagens, tendo autossuficiência no dia a dia, mas com problemas de infraestrutura, segurança, etc.

Essa ideia de modernidade unida a algo mais antigo, natural, surgiu novamente quando o termo do solarpunk foi citado pela primeira vez em 2008, em um blog chamado “*Republic of the Bees*”, com a publicação tendo o título de “*From Steampunk to Solarpunk*” onde o autor apresenta o conceito do solarpunk. Ele parte da ideia de que, com a ascensão das energias renováveis, algumas tecnologias antigas, como os navios à vela, podem voltar a ter utilidade prática, visto serem mais ecológicas e possivelmente mais eficientes. Ao comentar sobre o Solarpunk, ele enfatizou na sua mistura de tecnologia moderna com soluções mais antigas, mas focado na sustentabilidade, usando energia solar, eólica e outras renováveis. O texto conclui que a transição para um mundo sustentável exigirá luta política, resistência de setores econômicos interessados no lucro e inovação tecnológica, mas que o Solarpunk oferece uma visão esperançosa para esse futuro.

Apesar de sua citação em outros lugares, foi em setembro de 2011, aqui no Brasil, que a editora Draco publicou em seu blog a seguinte sugestão: “Depois da Vaporpunk (2010) e da

Dieselpunk (2011), 2012 será o ano da Solarpunk!”. A publicação no blog apresenta as diretrizes para a submissão de histórias Solarpunk, que foi publicada pela editora Draco no ano seguinte. As histórias deveriam se passar tanto em cenários históricos alternativos quanto em futuros próximos ou distantes, podendo abranger ficção científica, horror ou fantasia, com a preferência por histórias que abordem aspectos das culturas brasileira e portuguesa, explorando o impacto social das energias alternativas nesses contextos.

Ainda nesse ano, em um blog, uma pessoa fez uma publicação intitulada “On the need For New Futures” onde comenta sobre a necessidade de novos futuros e critica a falta de uma visão clara para o que vem adiante. Ele argumenta que o futuro atual é incerto e marcado por desafios como mudanças climáticas, escassez de recursos e crises sociais, ao mesmo tempo em que se propagam promessas tecnológicas exageradas e individualistas, como vida eterna e inteligência artificial. O texto enfatiza a importância de construir um futuro coletivo e inspirador, explorando questões como tecnologia sustentável, computação de baixa energia, sobrevivência em sociedades resilientes e novas formas de entretenimento.

Em outro blog, em 2014, chamado de “*Land of Masks and Jewels*”, criado por uma mulher chamada Olivia Louise, ajudou a moldar parte do que seria a estética do Solarpunk.

“Eu gosto de imaginar como baseado em estéticas atualizadas de Art Nouveau, Vitoriana e Eduardiana, combinadas com um movimento de energia verde e renovável para criar um mundo no qual as crianças cresçam sendo ensinadas sobre construção de tecnologia eletrônica, bem como jardinagem de alimentos e outras habilidades, e as pessoas tenham voltado a apreciar artesanos e artesãos, de pedreiros e ferreiros, a costureiros e joalheiros, e todos os outros. Um equilíbrio de tecnologia movida a energia sustentável, cidades ambientais e estética muito legal [...]” (LOUISE, 2014)

No mesmo ano, foi feito o Manifesto do Solarpunk, já comentado anteriormente, mas que permitiu uma visão mais nítida do que se trata o Solarpunk. Desde então, diversos sites e eventos comentaram sobre esse movimento, sempre agregando e trazendo tópicos importantes que o tema se esbarra.

4. A PRESENÇA DO SOLARPUNK NAS MÍDIAS

Devido a sua estética apelar muito a debates sociais, ambientais e se relacionar com os diversos temas do Século XXI, podemos dizer que diversos filmes, séries e jogos possuem sua estética, mesmo que a intenção original pudesse ser uma referência a um outro conceito. Obras como Robô Selvagem e Mundo Estranho trazem essa estética do solarpunk, seja por meio da união da natureza com a tecnologia, ou com o senso de comunidade, algo intrinsecamente humano, com a natureza, com o mundo em si.

Detalhando mais a fundo cada um deles, a “*Retrotopia*”, de Zygmunt Bauman, se dá de forma a analisar a tendência contemporânea, que inspira outras subculturas punk (como o dieselpunk, steampunk, atomicpunk, etc.) de buscar solucionar problemas modernos, a princípio, de forma social, em questões passadas, que são visíveis e replicáveis de forma quase semelhante, em vez de se olhar para o futuro, que é incerto, impossível de ser imediato

e sempre idealizado. Fator que revela que a própria noção de utopia está sendo repensada e redesenhada.

A possível conexão com o movimento hippie não se dá somente pelo discurso e busca de uma relação da humanidade com a natureza, sendo no caso deles como algo sagrado e para o solarpunk algo mais pragmático, ou busca de uma vida comunitária e crítica ao capitalismo, mas com o uso de cores vibrantes (com tons mais naturais e sem psicodelia no solarpunk), com sua moda artesanal, celebração da vida e harmonia. Em outras palavras, o solarpunk é uma evolução do hippie, mas no contexto do séc. XXI, trocando o escapismo psicológico por um otimismo pragmático, buscando reconstruir o sistema em que vivemos. Ir além do sonho, projetar e construir o sonho.

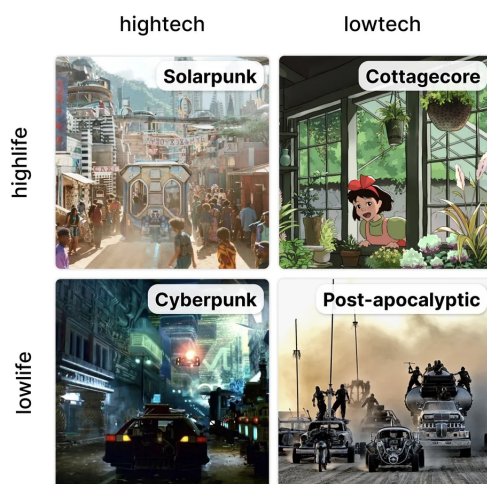
Em uma era de crescente preocupação ambiental e busca por soluções sustentáveis, onde os impactos das mudanças climáticas se tornam cada vez mais evidentes, isso pode ser visível com várias ações de pessoas mundo afora que se importam com a sustentabilidade, buscando fazer um pouco de diferença no mundo com o simples ato de reutilizar peças de roupas, buscando formas de reduzir a emissão de carbono ao optar por transportes alternativos, como bicicletas e transporte público, investindo em energia renovável ao instalar painéis solares em suas casas, reduzindo o uso de plástico descartável, etc.

Essas práticas, ainda que individuais, refletem um movimento maior em direção a um futuro mais equilibrado entre progresso e respeito ao meio ambiente, frutos de um pedido de socorro, diante de um cenário de um presente cada vez mais distópico, com eventos climáticos extremos como furacões e enchentes devastadoras, o crescimento descontrolado da poluição, o desmatamento desenfreado, a crise hídrica, desigualdade socioeconômica, guerras e etc. Diante dessa realidade, essas pequenas ações individuais se tornam sementes de resistência e transformação, apontando para a possibilidade de um mundo onde a relação entre humanidade e natureza seja mais harmônica e regenerativa, ou ainda, mais coletiva com a vida, seja entre humanos ou entre a humanidade e a natureza.

Um bom exemplo de uma sociedade Solarpunk, mostrando que é possível de alcançar essa realidade, seria a Vila de Earthship em Olst, na Holanda. Essa pequena ecovila é um exemplo prático de como os princípios do Solarpunk podem ser aplicados para criar comunidades sustentáveis. Baseadas no conceito de Earthships (casas autônomas construídas com materiais reciclados), as residências em Olst são projetadas para autossuficiência energética (painéis solares), gestão eficiente da água (coleta e reuso da chuva, tratamento de águas cinzas/negras) e produção de alimentos (estufas internas). O design biofílico e o forte senso de comunidade e colaboração entre os moradores reforçam os ideais centrais do Solarpunk, com a harmonia entre tecnologia, natureza e humanidade, demonstrando um futuro viável e inspirador de baixo impacto e alta qualidade de vida.

Por fim, para uma comparação do solarpunk com demais tipos de histórias, é preciso comparar as diferentes visões sobre o futuro da humanidade, cada um com sua própria abordagem em relação à tecnologia, à sociedade e ao meio ambiente. Enquanto Solarpunk e Cottagecore oferecem perspectivas fundamentalmente otimistas, embora por caminhos distintos, Cyberpunk e Pós-apocalíptico pintam quadros mais sombrios e distópicos.

O papel da tecnologia é um divisor central. No Solarpunk, a alta tecnologia é integrada harmoniosamente com a natureza, sendo uma ferramenta para a sustentabilidade, energias renováveis e o florescimento de cidades verdes, resultando em uma alta qualidade de vida e comunidades colaborativas. Em contraste, o Cottagecore (uma estética e subcultura que celebra uma vida rural idealizada e romântica, com foco na simplicidade, autossuficiência e harmonia com a natureza, tendo. Ele idealiza um retorno a um modo de vida mais tradicional, centrado em atividades domésticas, artesanato, jardinagem e a apreciação da beleza natural. A tecnologia é minimizada, e o foco é em uma existência mais lenta e conectada com o ambiente. *"Meu Amigo Totoro"* ou *"O Serviço de Entregas da Kiki"* (com a vida independente e rural de Kiki). Além disso, ela se afasta da tecnologia avançada, valorizando habilidades manuais e uma vida simples no campo, priorizando a autossuficiência e o aconchego em pequenas comunidades. O Cyberpunk, por outro lado, apresenta uma alta tecnologia distópica, onde implantes cibernéticos e realidade virtual coexistem com uma baixa qualidade de vida, dominada por megacorporações e extrema desigualdade, refletindo um individualismo e decadência urbana. Já o Pós-apocalíptico mostra uma tecnologia limitada e improvisada, focando na mera sobrevivência em um cenário de baixa qualidade de vida, frequentemente impulsionado pelo individualismo ou pequenos grupos.



(“Um gráfico de alinhamento de ficção científica.” Imagem comparativa elaborada por um usuário do reddit)

As atmosferas e os elementos visuais de cada estética são um reflexo direto de seus valores e condições sociais. Cidades Solarpunk são vibrantes e arborizadas, com edifícios biofílicos e turbinas eólicas elegantes, simbolizando otimismo e inovação ecológica. O Cottagecore evoca campos verdejantes e casas rústicas decoradas com elementos naturais, celebrando a simplicidade e a conexão com a natureza. Em nítido contraste, o Cyberpunk é caracterizado por cidades neon, arranha-céus sombrios e carros voadores, transmitindo uma sensação de opressão e rebelião. O Pós-apocalíptico, por sua vez, exibe paisagens desoladas, ruínas e veículos enferrujados, sublinhando a resiliência e a adaptação em meio à escassez.

Em última análise, as abordagens arquitetônicas e de design encapsulam a essência de cada visão, cada estética, assim, não apenas prevê um futuro diferente, mas também molda o

espaço em que a humanidade existiria nele, expressando distintas preocupações e esperanças para o amanhã.

5. A ESTÉTICA DO SOLARPUNK NA ARQUITETURA EM SÃO PAULO



(Fotos dos folhetos distribuídos pela JD House)

Ao longo desse panfleto, em uma análise mais composição e sensações, seus elementos textuais e visuais, tem diversos pontos que apontam facilidades e comodidades urbanas próximas (tais como o metrô, o comércio e o lazer) e a transmissão de um lugar sofisticado, seguro e lazer, tais como a sua paleta com tons de cinza, dourado e azul-escuro, e a madeira aliada a vegetação aparecem pontualmente nos espaços de lazer para aquecer a composição e trazer aconchego, a. Na composição gráfica, a tipografia limpa e moderna, junto das fotos em perspectiva realista e integração de ícones/legendas para situar o empreendimento no contexto urbano, aliado ao enquadramento que mostra o prédio isolado e bem iluminado, sugerindo proteção e organização.

O projeto utiliza códigos estéticos reconhecidos como sofisticados no imaginário urbano (linhas verticais, vidro, iluminação cênica) e os espaços de lazer (piscina, vista da academia, presença controlada de vegetação) para despertar um prazer sensorial e contemplativo, favorecendo o consenso de “beleza” entre potenciais compradores. A estética é predominantemente high-tech urbana, com forte foco no luxo e no status, mais próxima do imaginário futurista comercial do que propriamente do Solarpunk, embora incorpore alguns elementos superficiais, como a integração com a natureza como o uso de vegetação em áreas de lazer e a valorização da luz natural e vistas panorâmicas.



(Fotos dos folhetos distribuídos pela ARQOS)

O panfleto constrói uma narrativa visual de luxo conectado à natureza, explorando princípios estéticos clássicos como harmonia, proporção e contemplação. A vista panorâmica aérea no verso destaca a relação orgânica entre o verde e a cidade, transmitindo a ideia de um projeto que “abraça” a natureza, através do ênfase na vista natural, além de uma certa sugestão de paz e fuga do estresse urbano. Nas cores, o bege, o marrom e o dourado suave, contrastando com o verde e azul externo, reforçando harmonia cromática e sensação de aconchego. Essa integração com áreas verdes, um certo minimalismo na imagem com o decorado e a luz natural reforçam sensações de bem-estar, tranquilidade e prestígio, dialogando com noções de beleza objetiva e intersubjetiva, sendo padrões estéticos amplamente aceitos como “bonitos” e “sofisticados” no imaginário urbano moderno.

Embora utilize códigos visuais próximos à estética Solarpunk como a valorização de áreas verdes e luz natural e a ideia de bairro “preparado para o futuro” (potencialmente associada à urbanismo sustentável), sua abordagem é mais simbólica e comercial do que ecológica, com a natureza é tratada como pano de fundo estético, servindo para comunicar estilo de vida aspiracional mais do que compromisso ambiental real, sendo mais aproxima de um “Solarpunk de vitrine”.



(Fotos dos folhetos distribuídos pela ARQOS)

O panfleto apresenta uma composição visual baseada em harmonia e integração paisagística, combinando elementos arquitetônicos minimalistas (que remetem à estabilidade e acolhimento pelo design dos espaços interiores e exteriores) com amplas áreas verdes e iluminação natural. Esses recursos, a luz natural, o mobiliário confortável, os espaços com incentivo à vida social e ao uso compartilhado geram sensações de bem-estar, segurança, comunidade e prestígio, articulando-se com conceitos da estética sensível, visível e os construídos na sociedade. Embora traga sinais da estética Solarpunk na valorização da natureza e da convivência através da harmonia entre arquitetura e meio comunitário e vegetal, a aplicação é majoritariamente visual e mercadológica, faltando práticas ambientais mais concretas, com o projeto se utilizando de forma idealizada e voltada a um público específico a proposta de um urbano mais humano e saudável. Ainda assim, a identidade visual aproxima-se de um “Solarpunk de luxo”, que vende a ideia de um futuro sustentável e coletivo, mas filtrado pelo ideal de exclusividade, com o contato com a natureza sendo mais estético do que ecológico.

Em síntese, os três materiais publicitários apresentam, cada um à sua maneira, uma construção visual e conceitual ancorada em princípios clássicos da estética — especialmente a harmonia visual, a proporção da estrutura das infraestruturas e a busca pela experiência sensível que estimule bem-estar, status e pertencimento.

Todos eles buscam uma integração visual com a natureza, o uso estratégico da luz natural como um elemento contemplativo, suas paletas cromáticas neutras e sofisticadas — predominância de tons claros, madeira e cores terrosas, que reforçam harmonia e sensação de aconchego, a valorização de áreas comuns (como os espaços de lazer apresentados como extensão do lar) e seu discurso de exclusividade e status — expressões como “premium”, “único lançamento”, “exclusividade” aparecem em todos, sugerindo que a estética serve como reforço simbólico de distinção social.

Em conjunto, os três panfletos revelam como a publicidade imobiliária contemporânea apropria-se de princípios estéticos clássicos para comunicar valores de exclusividade, bem-estar e status. A integração visual com a natureza, o uso refinado da luz natural e a harmonização cromática funcionam como códigos universais de “bom gosto” e se repetem em todos os casos, reforçando um padrão estético intersubjetivamente aceito. Apesar disso, a dimensão ecológica — que poderia aproximar os projetos de uma estética Solarpunk verdadeiramente autêntica — permanece como promessa visual, não como prática urbanística efetiva.

Embora todos utilizem códigos visuais ligados à natureza e à luz, a ligação com o Solarpunk é superficial. Não há, em nenhum caso, menção explícita a soluções ambientais concretas como energia limpa, gestão de resíduos, hortas comunitárias ou sistemas circulares de uso de recursos, o que se é esperado em um contexto de mercado imobiliário urbano de moradia. A natureza serve, majoritariamente, como elemento de contemplação estética e não como infraestrutura viva e socialmente sustentável. Por isso, todos eles se tornam uma espécie de Solarpunk “de vitrine” ou “de luxo” como dito anteriormente. Todas as imagens trazem sensações associadas a um futuro verde e harmônico, mas filtradas pelo viés do luxo e do consumo aspiracional.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o desenvolvimento do trabalho, percebemos não só a complexidade dessa vertente estética, o solarpunk, mas como seus valores são capazes de impactar em uma ideia transformadora de um futuro melhor. Além disso, durante a pesquisa, ao recolher folhetos e ao analisá-los, percebemos que, de fato, houve uma apropriação dessa estética, mesmo que não em sua totalidade, a fim de se buscar vender aquele imobiliário, colocando, em adicional, valores que atraem pessoas que buscam morar em determinado condomínio, com diversas frases remetendo ao luxo, conforto, ascensão social, e outras coisas que remetem ao universo das classes B até a AA.

Como o objetivo dessa iniciação científica foi de se observar apenas a comunicação visual e estética em panfletos distribuídos em São Paulo durante o período da pesquisa, notou-se que seria interessante buscar ver se, em outras comunicações (online, em outro setor, etc.), também há a apropriação dessa estética com o mesmo intuito, a venda, e de que forma cada uma delas são feitas e pensadas.

Além disso, devido a ter poucos trabalhos no mundo acadêmico sobre o Solarpunk, existem diversas abordagens que podem ainda ser feitas e pesquisadas, incluindo se, no Brasil, estamos experimentando índices de uma sociedade solarpunk, o mesmo pode ser observado no mundo que tem se orientado para um certo desenvolvimento desta estética que parece, mais do que nunca, buscar respostas para problemas contemporâneos.

7. REFERÊNCIAS

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. *Zygmunt Bauman: Retrotopia ou os retrocessos do nosso tempo*. Janeiro 2018: Fronteiras do Pensamento, [s. d.]. Disponível em:

<<https://www.fronteiras.com/leia/exibir/zygmunt-bauman-retrotopia-ou-os-retrocessos-do-nosso-tempo>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

TROTТА, Wellington. *Estética: conceitos e elementos*. [S. l.]: Periódicos Eletrônicos UFMA, 17 Abril 2021. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/16638>>. Acesso em: 19 set. 2024.

SANTAELLA, Lucia. *Estética: de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.

REDDIT. *A sci-fi alignment chart* (post em fórum). [S. l.]: Reddit, [s. d.]. Disponível em:

<https://www.reddit.com/r/Cyberpunk/comments/owulhc/a_scifi_alignment_chart/>.

Acesso em: 10 mar. 2025.

ARCHDAILY BRASIL. *O que são cidades-jardim?* [S. l.]: ArchDaily Brasil, [s. d.].

Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/961040/o-que-sao-cidades-jardim>>.

Acesso em: 23 mar. 2025.

ARCHDAILY BRASIL. *Controle ecológico e a cidade-jardim: utopia para quem?* [S.

l.]: ArchDaily Brasil, [s. d.]. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/984669/controle-ecologico-e-a-cidade-jardim-utopia-para-quem>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRIGHTVIBES. **Could this Dutch Earthship eco-village be the future of sustainable living?** [S.l.], 4 Junho 2022. Disponível em:

<<https://www.brightvibes.com/could-this-dutch-earthship-eco-village-be-the-future-of-sustainable-living/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

NERDIST. **Dear Alice: Solarpunk Anime Short by Studio Ghibli Composer**. [S.l.],

22 Dezembro 2021. Disponível em:

<<https://nerdist.com/article/dear-alice-solarpunk-anime-short-studio-ghibli-composer/>>. Acesso em: 19 jul. 2025.

REVISTA CASA E JARDIM — UM SÓ PLANETA. *Bosco Verticale, dez anos depois: o projeto e os impactos no entorno*. [S. l.]: Globo, 05 Agosto 2024. Disponível em:

<<https://revistacasaejardim.globo.com/um-so-planeta/noticia/2024/08/bosco-verticale-dez-anos-depois-o-projeto-e-os-impactos-no-entorno.ghtml>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TV TROPES. *Solarpunk*. [S. l.]: TV Tropes, [s. d.]. Disponível em: <<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/SolarPunk>>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MEDIUM. **Solarpunk: A Reference Guide**. [S.l.], 26 Fevereiro 2017. Disponível em: <<https://medium.com/solarpunks/solarpunk-a-reference-guide-8bcf18871965>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LOUISE, Miss Olivia. **Here's a thing I've had around in my head for a...** Tumblr, [s.l.], 2014. Disponível em: <<https://missolivialouise.tumblr.com/post/94374063675/heres-a-thing-ive-had-around-in-my-head-for-a>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

INTERNET ARCHIVE. *Solarpunk: histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável* (página da Editora Draco arquivada em 31 jul. 2019). [S. l.]: Wayback Machine, 2019. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20190731125255/https://editoradraco.com/produto/solarpunk-historias-ecologicas-e-fantasticas-em-um-mundo-sustentavel/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

REDES – Regenerative Design. **Um Manifesto Solarpunk (Português-Brasil)**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://www.re-des.org/es/um-manifesto-solarpunk-portugues-brasil/>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

REPUBLIC OF THE BEES. **From Steampunk to Solarpunk**. WordPress, [s.l.], 27 Maio 2008. Disponível em: <<https://republicofthebees.wordpress.com/2008/05/27/from-steampunk-to-solarpunk/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SYNTHETIC ZERO. *A user's manual for a post-nihilist praxis*. [S. l.]: Synthetic Zero, 6 set. 2019. Disponível em: <<https://syntheticzero.net/2019/09/06/a-users-manual-for-a-post-nihilist-praxis/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

WOODBINE. *Nomos: Original instructions* (PDF). [S. l.]: Woodbine, 2014. Disponível em: <<https://woodbine1882.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/nomos-original-instructions.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

YANG, Xin. *What is Solarpunk? An ecocritical analysis of solarpunk short stories. Philosophies*, Basel, v. 8, n. 4, art. 73, 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2409-9287/8/4/73>>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PETERSON, Adam; LOBANOVA, Elena. **Solarpunk: Utopia as a Response to Dystopia**. *Journal of the Fantastic in the Arts*, Winter Park, v. 33, n. 3, p. 306-321, 2022. Disponível em: <<https://www.cceol.com/search/article-detail?id=1092522>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ROSS, Andrew. **Solarpunk: The Pedagogical Value of Utopia**. *Journal of Sustainability Education*, [s.l.], v. 20, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://www.susted.com/wordpress/content/solarpunk-the-pedagogical-value-of-utopia_2020_05/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SANTOS, Lucas Vinícius. **Solarpunk: Narrativa utópica em tempos distópicos**. *Literartes*, São Paulo, n. 18, p. 287-300, 2023. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/literartes/article/view/196188>>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MACK, Rachel. *Solarpunk and the greening of science fiction*. Portugal, 2021. Universidade de Lisboa (Portugal). Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/f454cd76d8e81de87a580acce07e814f/1>>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SILVA, Gabriel Fernandes da. **[A produção da cidade através da ficção científica do solarpunk]**. *Pixo*, Pelotas, v. 8, n. 14, p. 162-180, 31 Janeiro 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/28496>>. Acesso em: 10 ago. 2025.

RESEARCHGATE. *Solarpunk and sustainability: imagining the future through science fiction*. [S. l.]: ResearchGate, Janeiro 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/377636060_Solarpunk_and_Sustainability_Imagining_the_Future_through_Science_Fiction>. Acesso em: 10 ago. 2025.